

## Radiodocumentário “A saga do pau-rosa”<sup>1</sup>

Mirian BITENCOURT<sup>2</sup>  
Maria Clely Ferreira da SILVA<sup>3</sup>  
Sue Anne CURSINO<sup>4</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM.

### RESUMO:

O radiodocumentário “A saga do pau-rosa” narra a história de vida de ex-funcionários das usinas de extração da essência do pau-rosa, localizadas às margens do rio Paratucu no município de Nhamundá, estado do Amazonas, nos anos 1950 a 1970. O produto radiofônico tem duração de 15”28” (quinze minutos e vinte e oito segundos) e objetiva apresentar uma história silenciada há mais de 40 anos pelo sistema capitalista opressor. Trata-se da documentação, por meio de entrevistas, com a técnica da História Oral, sobre as relações de poder entre patrão e empregado nas usinas, uma vez que se tenta (re)conhecer as lutas, dificuldades e identidades dos trabalhadores, buscando identificar estratégias de resistência e atividades opressoras num contexto histórico marcado pela exploração do trabalho humano após abolição do trabalho escravo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Radiodocumentário; Pau-rosa; História Oral; Trabalho; Luta.

### 1 INTRODUÇÃO

O Brasil foi um importante país produtor de óleo de pau-rosa (*aniba rosaeodora*). A economia gerada pela extração da essência do pau-rosa foi por um determinado período fonte de renda na Amazônia. A exploração começou na década de 1920 e o produto chegou a ser o terceiro colocado na lista de exportações amazônicas, atrás somente da borracha e da castanha.

O capital se concentrava nas mãos de grandes empresários da época e boa parte do dinheiro gerado na comercialização do óleo ficava no exterior, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, onde se usava o pau-rosa como essência na formulação de vários perfumes, entre eles o Chanel n° 05, que se consolidou no mercado após a atriz Marilyn

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Modalidade Rádio, TV e Internet, categoria RT 01 Programa laboratorial de áudio.

<sup>2</sup> Aluna líder e recém-graduada no Curso Comunicação Social/Jornalismo. Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da UFAM. E-mail: mirian-bitencourt@hotmail.com

<sup>3</sup> Recém-graduada no Curso Comunicação Social/Jornalismo, e-mail: mayara\_bae@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora substituta do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia de Parintins. Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da UFAM. Email: sueannegcursino@hotmail.com

Monroe declarar que dormia com apenas duas gotas do perfume e assim tornou-se o mais vendido no mundo.

Nos anos 1960, a produção chegou a 500 toneladas/ano, mas declinou com a chegada de uma versão sintética do linalol, principal substância aromática da *aniba rosaeodora*. O principal mecanismo para a extração da matéria prima era a mão de obra humana, desde a retirada da madeira da floresta à destilação do óleo nas caldeiras.

Como única fonte de renda, homens e mulheres se endividavam com os “patrões”, uma forma de manter o próprio sustento. Para saldar a dívida, os homens eram levados para trabalhar no extrativismo em condições desumanas, enquanto que as mulheres eram exploradas sexualmente nos campos de extração do pau-rosa.

Essa situação afrontava claramente a Constituição Federal, que aboliu a escravidão em 1888, com a assinatura da Lei Áurea, quando o Estado deixou de reconhecer o direito de propriedade de uma pessoa sobre outra. No entanto, isso não significou o fim do trabalho escravo na Amazônia, como também em outras regiões do país. A remuneração pela força do trabalho continuou insuficiente para a manutenção do trabalhador, além das condições trabalhistas serem as mesmas.

O trabalho também foi embasado sob a perspectiva da História Vista de Baixo de Thompson, o qual sinaliza para uma inversão de perspectiva em relação à tradicional historiografia, que parte do poder dominante, dando voz e vez aos protagonistas dos acontecimentos, considerados em outras leituras historiográficas como secundários ou mesmo marginais à ação coletiva.

O documentário radiofônico “A saga do pau-rosa” apresenta aos ouvintes a história dos trabalhadores do pau-rosa das usinas distribuídas às margens do Rio Paratucu do município de Nhamundá – Amazonas, histórias silenciadas há mais 40 anos. As entrevistas foram gravadas no município de Faro – Pará, de onde era fornecida a mão de obra.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo principal do produto é tornar evidente aos ouvintes como se dava as relações de poder entre patrão e empregado nas usinas de pau-rosa dos anos de 1950 a 1970, buscando identificar por meio das entrevistas estratégias de resistência e atividades opressoras num contexto histórico marcado pela exploração do trabalho humano após abolição do trabalho escravo.

É também nossa intenção contribuir para o resgate social e histórico desse período econômico predatório, que marcou a vida do homem amazônida, a partir do uso da história oral, a qual nos remete a um tipo de metodologia que tem como principal característica a entrevista, em que o sujeito da ação coletiva pretérita passa a ter voz, em detrimento do discurso oficial, em que as palavras muitas vezes acobertam os fatos e dão por findas as interrogações que estão no ar.

### 3 JUSTIFICATIVA

Entre as várias possibilidades de produção, optamos pelo suporte de mídia radiofônica não somente pela viabilidade técnica e baixo custo, mas porque o rádio se destaca em relação à televisão, o jornal impresso e internet, pela abrangência, afinal consegue chegar a quase todos os lares brasileiros. Não obstante, na Amazônia, devido às limitações geográficas, é o meio mais eficiente e de maior alcance. Segundo Tavares (2009), o rádio está presente em 96% da população brasileira.

Situação que tornou quase impraticável imaginar um indivíduo fora do alcance da emissão radiofônica. Quer nos lares, no interior dos automóveis, no ambiente de trabalho, ou mesmo em aparelhos portáteis das novas tecnologias, como computadores, celulares e leitores de MP3, o rádio está presente na vida das pessoas como extensão dos aparatos que compõem as suas necessidades (TAVARES, 2009, p.09).

Quanto à opção pelo gênero jornalístico em formato documentário, deu-se por motivo de tal formato permitir análise do tema em pauta por meio de aprofundamento do assunto, visto que a abordagem escolhida não caberia em apenas uma nota ou matéria, além de a abordagem do tema não exigir base em fatos factuais. Outro motivo determinante foi por causa da liberdade criativa que o documentário possibilita, como inclusão de outros gêneros e formatos em uma única estrutura.

“A saga do pau-rosa” é um documentário jornalístico que segundo Ramos *apud* Ferrareto, (2006), é classificado como uma grande reportagem, pois parte da investigação, da procura de dados, das entrevistas e depoimentos de fatos verídicos relacionados ao tema escolhido. Ao ganhar espaço no veículo rádio, o formato é identificado como radiodocumentário, mas não muito produzido.

Pouco frequente no Brasil, o documentário radiofônico aborda um determinado tema em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados

e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e elaboração de um roteiro prévio (FERRARETO, 2006, p. 57).

Para Ramos *apud* Ferrareto (2006), a informação profunda no radiodocumentário faz do formato o mais rico no jornalismo. Sem contar que a realização de uma reportagem investigativa e bem apurada proporciona ao ouvinte conhecimento aprofundado sobre o tema difundido. Outra ferramenta importante na construção do documentário radiofônico são os recursos, pois, ao serem captados pelo ouvinte, ajudam a criar um ambiente imaginário, por meio dos simples ruídos e sons.

Quanto ao tema escolhido se deu pelo método da conveniência, pois uma das alunas, Mirian Bitencourt, é paraense nascida no município de Faro/PA, local de onde era retirada parte da mão de obra das usinas, e cresceu numa comunidade rural do município de Nhamundá/AM (faz limites com Faro/PA), e conviveu por muito tempo com trabalho escravo e infantil na exploração de madeira.

O extrativismo de pau-rosa na região do Baixo Amazonas contribuiu para o enriquecimento de duas famílias, Rossy e Iannuzzi, e o empobrecimento tanto das famílias que trabalharam na extração da matéria prima, como da biodiversidade, uma vez que, na região foram implantadas as usinas, carregam até hoje a marca da exploração desgovernada.

A saga do pau-rosa foi uma atividade predatória, sem preocupação com os impactos socioambientais e chegou ao fim com a extinção da essência nas áreas exploradas. Para atender a demanda do comércio internacional, os trabalhadores amazônicos tornaram-se vítimas do capitalismo, da situação econômica e social.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O radiodocumentário foi produzido em seis etapas, divididas em: estudos bibliográficos; gravação das entrevistas no município de Faro/PA; edição dos dados coletados (sonoras); elaboração do script; gravação dos *offs*; organização dos dados e montagem do produto final. Todas as etapas foram concluídas em um período de quatro meses.

A estratégia no processo de investigação científica para a produção do documentário “A Saga do Pau-Rosa” foi executar pesquisa e planejamento baseados na técnica da História Oral, que “é um recurso usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência pessoal de pessoas e de grupos, [...] de apreensão de

narrativas feita por meio do uso de meios eletrônicos e destinada a recorrer testemunhos, promover análises de processos sociais” (MEIHY, 2002, p. 13).

De acordo com o autor, “pretende-se que a história oral temática busque a verdade de quem presenciou um acontecimento” (*ibid*, p. 146). Portanto, para sujeitos do documentário, escolhemos ex-trabalhadores usinas distribuídas às margens do Rio Paratucu do município de Nhamundá – Amazonas. Estes personagens foram escolhidos como protagonistas da narrativa para valorizá-los como agentes de uma história que ficou velada pelo tempo, pois eles representam experiências coletivas na extração de pau-rosa nos anos de 1950 a 1970.

“Lembranças, comentários, memórias de fatos e impressões sobre acontecimentos, desde que motivados para entrevistas são a base da história oral” (PATAI *apud* MEIHY, 2002, p. 14). Por isso, realizamos conversas prévias com os personagens antes de partirmos para as entrevistas em si, uma vez que “a pré-entrevista corresponde à etapa de preparação do encontro em que se dará a gravação” (*ibid*, p. 168).

Para Lucena (2012, p. 55) “entrevistas e depoimentos são as principais fontes para a produção de um bom documentário”. Por esse motivo, fizemos a seleção dos personagens, os quais pudessem permitir com seus depoimentos na constituição de uma análise do tema abordado, contribuindo historicamente à narrativa.

Na concepção de Pereira Júnior (2006, p. 102), “entrevista é (...) um instrumento de pesquisa com processo de produção próprio, dos preparativos à edição”. Por este motivo, elaboramos perguntas que pudessem conduzir o diálogo.

Utilizamos aqui o termo diálogo para remeter às entrevistas, pois Medina (2008, p. 8) defende a ideia de que este procedimento “é uma técnica de interação social de interpenetração informativa [...] constitui sempre um meio, cujo fim é o inter-relacionamento humano”.

Ao abordar pessoas que nunca foram submetidas a entrevistas sobre o assunto foi necessário todo um cuidado e linguagem peculiares para que houvesse uma conversa esclarecedora de pontos importante para a construção do trabalho, pois, dentro da metodologia da história oral “é importante o entrevistador saber distinguir a forma narrativa do entrevistado para poder compreender melhor a sessão e interagir de maneira mais eficiente” (MEIHY, 2002, P. 129).

Captadas as entrevistas, passamos à decupagem das sonoras. Durante este processo, eliminamos algumas falas pelo excesso de ruídos, por motivos de que as sonoras foram

gravadas nas residências dos colaboradores, porém, os dados não foram totalmente descartados, tendo em vista que utilizamos as informações para a escrita dos *offs*.

Após a gravação dos *offs*, passamos à edição do produto. Selecionamos histórias paralelas que se complementassem de forma a construir um enredo que pudesse transmitir com clareza e concisão a atividade de extração do pau-rosa. Em seguida, inserimos os *backgrounds* (BGs).

O radiodocumentário “A Saga do Pau-Rosa” foi gravado no laboratório de Rádio da Universidade Federal do Amazonas, *Campus Parintins*, por meio do programa *Audacity* e editado no *Adobe Premiere* (o qual permitiu a criação de sequências para editar separadamente as sonoras) pelas próprias interlocutoras e idealizadoras do radiodocumentário, Clely Ferreira e Mirian Bitencourt, as quais também realizaram a edição do produto, sob a orientação e supervisão da professora Sue Anne Cursino.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O radiodocumentário “A Saga do Pau-Rosa” é um produto resultante de monitoria da disciplina Radiojornalismo II, composto com a colaboração de 06 (seis) pessoas, que foram as fontes para entrevista, mediadas pela narração de duas locutoras que intercalam a condução do documentário radiofônico. A estratégia de duas interlocutoras intercaladas visa tornar o produto dinâmico, no sentido de não deixar impressão de que os textos são longos, para não diminuir a atenção do ouvinte.

O documentário inicia com o conceito de pau-rosa para então contar sobre história do extrativismo da planta no Brasil e, em seguida, no estado do Amazonas, apresentando nomes dos empresários das usinas localizadas às margens do rio Paratucu, bem como o destino da exportação do produto. Na sequência, enumera-se a quantidade de usinas implantadas na região para apontar critérios entendidos como exploratórios. Cada personagem é apresentado com nome e função.

Primeiramente, trata-se sobre a estrutura das usinas (divisão das equipes, instrumentos de trabalho, bem como o manuseio de cada um). Em seguida, discorre sobre o processo de destilação do pau-rosa e o uso da mão de obra humana. Quanto à mão de obra, relata-se sobre a estratégia para recrutamento dos operários por meio do abono, o qual é conceituado na sequência. Relata-se sobre o endividamento dos funcionários e o tempo dispensado para pagá-los, com excesso de horas de trabalho. Expõe-se também sobre a

alimentação escassa para sobrevivência, evidenciando o sistema desumano para com os trabalhadores.

Mais fator mencionado, e explorado posteriormente, é quanto às doenças e ocorrências de óbito dos funcionários que ficavam na usina se não tivesse com as contas em dia. Informa-se o quantitativo de operários por viagem e o total, para dar uma proporção de quantas pessoas que eram submetidas à exploração. Para tanto, aborda-se sobre o uso do utensílio jamanxim, com intuito de revelar o trabalho árduo dos carregadores, que eram levados a suportar grandes cargas de peso, em longos caminhos, por míseros trocados.

Outro ponto enfatizado no radiodocumentário relaciona-se à exploração sexual de mulheres, esquema que eram discriminadas e viviam em ambientes afastados das barracas das famílias. Descreve-se como funcionava o esquema de pagamento dos serviços prestados aos chefes das usinas e as festas realizadas para endividar ainda mais os trabalhadores.

A seguir, relata-se sobre a “Casa Grande” – comércio de propriedade dos donos das usinas – local em que os operários compravam seus suprimentos, para pôr em evidência o círculo manipulador para causar a dependência dos funcionários. Logo depois, narra-se a quantidade exportada mensalmente, o tempo para extrair um tambor com o óleo essencial, citando o valor de um vidro de 10ml. Isto como o intuito único de equiparar o valor pago pelas diárias dos funcionários para dar uma dimensão do lucro dos proprietários das usinas. Sucessivamente, trata-se sobre a fonia, ferramenta de comunicação utilizada na época, para estabelecer contato entre gerentes e patrões.

Outro elemento narrado é o contato com os indígenas para a exploração de novos territórios para atender a demanda comercial. Evidencia-se a aldeia Kassawá como rica fonte da matéria-prima, bem como o artifício usado para atrair os índios e as relações de troca estabelecidas.

Após o contato indígena, retoma-se a abordagem sobre acidentes e óbitos. Desta vez, por meio de exemplos, os quais salientam os riscos do trabalho nas usinas, mas que eram deixados de lado, diante a falta de oportunidades de trabalho na época.

Para finalizar, o radiodocumentário faz uma análise das dificuldades dos trabalhadores, da concentração de riqueza das famílias detentoras de propriedade das usinas, mediante a atividade predatória da natureza, a qual causou grandes impactos ambientais e as marcas da exploração do homem amazônida.

No documentário, são utilizados efeitos sonoros e músicas para dar vivacidade, além de servirem de cortina para a introdução de novas informações. A abordagem é clara, o

texto utiliza uma linguagem acessível e a duração é de 15”28” (quinze minutos e vinte e oito segundos). Em síntese, o produto comporta entrevista, narração e música.

## 6 CONSIDERAÇÕES

O radiodocumentário “A Saga do Pau-Rosa” conta aos ouvintes o processo produtivo e a exploração dos trabalhadores das usinas de pau-rosa dos anos de 1950 a 1970, evidenciando as relações de poder entre patrão e empregado, contribuindo efetivamente para o resgate social, econômico e histórico desse período.

Como não encontramos documentação para corroborar com o trabalho, apropriamos apenas das memórias dos ex-trabalhadores das usinas, registradas por meio de gravadores. E o documentário dá voz a esses trabalhadores que há décadas ficaram esquecidos pela história.

A produção do radiodocumentário permitiu às alunas o aprimoramento das técnicas jornalísticas voltadas para o rádio elencadas em pré-produção (levantamento bibliográfico, planejamento e elaboração do script); produção (gravação das entrevistas e narração dos *offs*); e pós-produção (finalização e teste de audição). O tema abordado despertou, nos alunos do curso, discussões acerca das relações de trabalho na Amazônia, a qual vem sendo alvo de debates no mundo acadêmico. Os depoimentos selecionados dão conta de narrar parte da história tanto amazônica como brasileira dessa atividade extrativista, para que possa futuramente servir como fonte histórica de pesquisa ou para suscitar o desenvolvimento de novas abordagens em relação ao tema.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRARETO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2006.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

MEIHY, J.S. Bom. **Manual de história oral**. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

TAVARES, Olga. **Comunicação e Ciência**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.